



O Fenômeno Religioso e a Filosofia

Alailson de Oliveira¹

Resumo

Apresenta as similaridades existentes nas buscas empreendidas pelo pensamento religioso e a filosofia. Emparelha a iniciativa religiosa com o fazer filosófico tomando por base a busca pelo sentido da vida. Investiga as semelhanças entre o pensamento filosófico e a religião a partir de trechos selecionados de obras filosóficas e de escritos sagrados. Analisa as críticas de Marx, Feurbach e Nietzsche à religião bem como as semelhanças entre a filosofia e o pensamento religioso que podem ser extraídas mesmo a partir das referidas críticas.

Palavras-Chave: Metafísica; Unidade; Conhecimento, Sentido; Originário.

Talvez não seja demais afirmar que a religião seja uma das manifestações mais antigas e universais da humanidade, pois se observa que a história parece não ter registros que demonstre a existência de uma única civilização sequer que no passado não possuísse suas praticas rituais direcionadas a um encontro com a transcendência e com as respostas que esclarecessem as dúvidas acerca da origem e do sentido de nossa existência. Ao longo da historia da humanidade é possível reconhecer que tal busca sempre foi uma marca indelével presente no elemento humano em todas as épocas. Neste sentido, poderíamos afirmar, tendo o aval da própria história, que o fenômeno religioso possui um caráter antropológico, isto é, é uma característica integralmente relativa ao modo de ser humano. Assim sendo, poderíamos bater o martelo encerrando esta discussão dogmaticamente, satisfeitos com as conclusões extraídas destas poucas palavras. Porém, dificilmente permaneceríamos satisfeitos por muito tempo sem sermos

¹ Graduado em Filosofia pela UFPR – Atuando como professor de Filosofia e Ensino Religioso e agente de Pastoral Escolar.

Rua Paschoal Bordignon, 186, aptº 31P, Jardim Botânico, Curitiba - PR
E-mail ala_machina@hotmail.com

advertidos por algum admirador de Nietzsche, ao afirmar que a filosofia, outra característica também exclusivamente humana, muitas vezes tenha negado, através de vários de seus mais notáveis expoentes, a existência de qualquer divindade ou realidade além do plano físico. Se este estudante nietzscheano quisesse prolongar a discussão provavelmente demonstraria várias linhas de pensamento filosóficas que abalariam seguramente a modesta conclusão a qual chegamos ao início de nossa exposição.

Mas afirmávamos a pouco, que a filosofia, assim como a religião, possui um caráter humano e neste sentido, somos levados a crer que em função disso fosse oportuno estender a discussão com nosso hipotético estudante de Nietzsche, e para tanto, um viés interessante talvez fosse investigar qual o caráter originário da filosofia, ou melhor, qual sua busca e seu sentido mais apócrifo. Para satisfazer nosso amigo niilista, poderíamos começar nossa investigação com o próprio Nietzsche quando este afirma que a filosofia teve sua origem a partir do pensamento: “Tudo é Um”, este pensamento observa Nietzsche, é “um postulado metafísico, uma crença que tem sua origem em uma intuição mística e que encontramos em todos os filósofos, ao lado dos esforços sempre renovados para exprimi-la melhor.” (NIETZSCHE, 1996, p.211) Ora, a afirmação de Nietzsche tento em vista os termos “metafísico”, “crença” e “intuição mística”, parece contrastar diametralmente com sua filosofia tão crua e anti-dogmática, mas ao dizer que a filosofia tem sua origem na postulação de Tales de Mileto de que “tudo é um”, isso parece demonstrar que na ótica nietzscheniana o pensamento filosófico possui sua marca originária a partir da busca pela unidade sob a qual estão assentadas todas as coisas. Ora, isso já serviria por si só para estabelecer um elo entre a religião e a filosofia, pois não seria a religião o eterno sentimento de religação entre o homem e o princípio divino que o constituiu, conforme afirmam Lactâncio e Santo Agostinho? Se entendermos este princípio divino como o “Um” fundamental citado por Tales, Heráclito, Platão e Aristóteles, seria possível imaginar que a canalização desta busca é o que difere a religião da filosofia, mas não o sentido da busca em si mesmo. No entanto, talvez seja mais prudente buscarmos respaldo também em outros filósofos, para então a partir deles clarear a questão. Neste sentido, vamos observar o que diz o grande filósofo alemão Martin Heidegger a respeito da filosofia em sua busca inicial, no entanto é de bom alvitre lembrar antes que Heidegger, a exemplo de Nietzsche, também foi um grande crítico das religiões, pois na qualidade de fenomenólogo questionava sistematicamente algumas crenças instituídas e legitimadas pela visão do senso-comum. Segundo ele, a palavra grega *philosophía* tem sua origem nos termos *to philein* que

quer dizer “aquele que ama” e *to shophon*, que significa o ente no ser. Unindo as duas traduções teríamos filosofia como sendo o amor pelo ser, ou melhor, amor pelo ente que aspira ao ser. A etimologia do termo *filosofia* nos traz afirma Heidegger, o pensamento filosófico como sendo “uma espécie de competência capaz de perscrutar o ente, a saber, sob o ponto de vista do que ele *é, enquanto é ente.*” (HEIDEGGER, 1996, p. 32).

Tomando por base as afirmações de Nietzsche e Heidegger, extraímos que a filosofia inicialmente se ocupava da unidade e da busca pelo sentido do ser. A princípio, tudo isso não parece estar tão distante das buscas empreendidas pelas diferentes religiões que se espalham pelo mundo. Ora, o hinduísmo², declara que após cessarem todos os círculos reencarnatórios determinados pela lei do Karma, a alma peregrina se reintegra ao Brahman, o espírito absoluto. Na doutrina Sanatana Dharma³, Brahman é o princípio fundador de todas as coisas. O budismo também comunga desta concepção ao afirmar que o estado de Nirvana, estado de completo rompimento com a matéria e desejos físicos, produz a reintegração da alma ao equilíbrio cósmico que a constituiu.

O discurso religioso difere da argumentação filosófica, mas suas buscas não parecem estar distantes. Isso ocorre porque antes da filosofia ter se segmentado em Teoria do Conhecimento, Ética, Estética, Política ou Lógica, ela era essencialmente metafísica. Ou seja, sua busca era a busca transcendental pela origem do ser e de seu sentido na unidade que compõe a totalidade. Desta forma, podemos até mesmo supor que tal sentido é o que fez René Descartes, o grande nome da filosofia do século XVII, tentar provar através da matemática a existência de Deus. Após universalizar a dúvida, Descartes viu-se no caos da desesperança do ceticismo e diante disso sua filosofia não teria sentido algum e assim sendo, era necessário encontrar o chão que sustentasse o sentido de suas teorias racionalistas. Podemos observar nas palavras do próprio filósofo o valor desta inquietação.

“Portanto, resta tão somente a idéia de Deus, na qual é preciso considerar se há algo que não possa ter vindo de mim mesmo? Pelo nome de Deus entendo uma substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente e pela qual eu próprio e todas as coisas que são foram criadas e produzidas.” (DESCARTES, 1996 p.107)

² É oportuno esclarecer que o termo hinduísmo é fruto de uma compreensão um tanto irrefletida do homem ocidental em relação às múltiplas crenças e fundamentos culturais presentes na Índia. A rigor, não existe naquele país uma religião com este nome, porém, a título de fluência nesta exposição, decidiu-se manter esta nomenclatura.

³ Sanatana Dharma é o nome que os hindus dão à sua própria crença, significa “lei eterna”.

Immanuel Kant também parece ter encontrado inquietação semelhante após concluir sua grande obra-prima *A Crítica da Razão Pura*, neste obra, Kant demonstra os limites de alcance do conhecimento racional, e por conseguinte estabelece que as faculdades perceptivas em justaposição com atividade interpretadora da razão é o que produz conhecimento e neste sentido, tudo aquilo que se encontra fora deste sistema é objeto de crença. Porém, alguns anos mais tarde o próprio Kant reconheceu que as idéias relativas à transcendência, imortalidade da alma, infinitude do universo são próprias do homem, isto é, fazem parte do modo de ser humano e que sendo assim, não deveriam estar classificadas na dimensão pura da racionalidade, mas na dimensão prática. É o que parece ter alavancado o filósofo a produzir sua obra *A Crítica da Razão Prática*. Nesta obra, Kant demonstra a origem da idéia do bem e de crenças que se encontram além da experiência sensível.

A filosofia evidentemente distancia-se da religião por seu discurso, mas é indiscutível que as principais questões que conduziram o pensamento filosófico ao longo da história são as mesmas que são pertinentes ao pensamento religioso. Se analisarmos os conceitos de vacuidade extraídos das crenças orientais, por exemplo, vemos o quanto ele se aproxima da teoria do filósofo Jean-Paul Sartre acerca do Nada; a própria concepção cristã de dualidade existente entre os planos terreno e espiritual, indiscutivelmente se assemelha às teorias platônicas que dividiam o mundo em duas instâncias: a inteligível e a sensível; a transitoriedade, um dos pilares conceituais do budismo, também parece ter paralelos com a concepção de Heráclito de Éfeso, quando este afirmava que “Não é possível adentrar o mesmo rio duas vezes”. (LEÃO E. C., 2001 p. 27) Neste sentido, crer que o fenômeno religioso não encontra paralelo com o pensamento filosófico em função das diferenças de discurso que ambos possuem é no mínimo prematuro. E mesmo quando se observa os fenômenos do ceticismo e do niilismo para neles encontrar justificativas para teorias que desqualifiquem a religião como uma marca indissolúvel da natureza humana, é oportuno lembrar que, conforme comentávamos no início, a história não registra indícios de nenhuma civilização ancestral que não possuísse suas crenças apoiadas na transcendência, enquanto que o fenômeno da descrença é historicamente muito recente. E, além disso, dos quase 1 bilhão de pessoas no mundo que se proclamam sem religião, um grande percentual se dizem *agnósticos*, isto é, não crêem porém não duvidam, outros se dizem *não religiosos* porém crentes em um Deus, apenas um número bem reduzido é formado por *ateus*,

aqueles que decididamente não professam nenhuma fé na transcendência, muito embora, mesmo nesse caso, se aplicarmos o princípio lógico da filosofia, ainda assim o ateu afirma a existência por meio de sua negação... Ele crê que não crê.

Outro aspecto interessante da questão diz respeito à ética, uma das subdivisões que a filosofia sofreu para ser didaticamente estudada em separado. Ora, a ética seria justamente a parte da filosofia que visa garantir a melhor interação entre as pessoas. Muitos foram os filósofos que assumiram as questões da ética como norte principal de um estudo da natureza humana. Aristóteles, por exemplo, afirmava que “toda arte e toda indagação, assim como toda ação e todo propósito, visam a algum bem” e desta forma, a ética teria como seu principal bem a amizade pois “a função própria de um homem bom é o bom e nobilitante exercício desta atividade.” (ARISTÓTELES, 1996 p.17)

A ética Kantiana por sua vez se concatena através da máxima “Não façam a outrem aquilo que não desejam que façam contigo”. Ora, tanto o modelo aristotélico quanto o do grande Immanuel Kant, parecem perfeitamente condizentes com as prescrições do Alcorão, do Torá e dos Evangelhos, isso ocorre porque as religiões quando analisadas sob a ótica de seus fundamentos, funcionam como eficientes códigos de conduta moral a despeito de suas diferenças técnicas. Desta forma, é possível também testemunhar que os encaminhamentos éticos tão frequentemente estudados pelos grandes filósofos da história, também encontram paralelos nos preceitos religiosos, conforme já indicava o filósofo francês Henri Bergson em sua obra *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. Segundo ele, “todas as religiões, no início, são dinâmicas, revolucionárias, criativas, transformadoras. (...) Mas, conforme o tempo passa, a religião cria instituições, regras rígidas, poderes... e aí se torna conservadora, estagnada e até contrária ao progresso”. (INCONTRI. 2002 p.87) Mesmo este posicionamento crítico do filósofo Bergson parece encontrar paralelo nas palavras de Cristo quando este se voltava contra os líderes religiosos judeus acusando-os de dar maior importância às minúcias das regras religiosas do que aos fundamentos que melhor traduziam os interesses de Deus.

Guias cegos! Filtrais um mosquito e engolis um camelo.

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Sois semelhantes aos sepulcros caiados: por fora parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos, de cadáveres e de toda espécie de podridão.

(Mateus, 23- 24-27)

Assim como na ética, a política também visa um bem comum entre os homens e também o pensamento religioso compartilha de tal aspiração. Tanto que na china antiga o confucionismo era proclamado como uma religião do Estado, pois a doutrina de Confúcio tinha como princípio, a verificação de uma ordem hierárquica que garantisse a harmonia entre os indivíduos de uma sociedade. Segundo esta religião, o homem é o reflexo dos céus onde reina a ordem cósmica originária, cabendo desta forma a ele, através dos ritos, recuperar aquela primordial ordem.

As Críticas da Filosofia à Religião

No entanto, a religião funciona muitas vezes, conforme afirmou Karl Marx, como “o ópio do povo”, pois pode ser utilizada como um instrumento de dominação que “anestesia” as pessoas a fim de neutralizar o senso - crítico. Tais ocorrências fizeram o filósofo alemão Ludwing Feuerbach afirmar a necessidade da filosofia ocupar o lugar da religião.

Para substituir a religião, a filosofia deve tornar-se religião enquanto filosofia...

Para o lugar da fé, entrou a descrença...

Para o lugar da Bíblia a Razão. (FEURBACH, 1988, p. 24)

É importante lembrar que Feurbach direcionava sua crítica à religião a partir da idéia de que o pensamento religioso surge como resposta à necessidade humana de explicar o sentido de sua existência, e que esta manifestação natural o conduz a projetar em um mundo imaterial, imaginário e por assim dizer inexistente, todas as suas dúvidas, esperanças e inquietações. Tal atitude, afirma Feurbach, torna o homem distante da vida prática e o faz trocar o efetivo de um mundo concreto pelo contingente de um mundo espiritual.

Na linha desta concepção, Marx afirmava ser necessário haver uma superação humana que promovesse no homem o resgate de si mesmo, e tal superação só se efetivaria com a total destruição do sentimento religioso, que segundo ele, adestra o ser humano e o faz abandonar o sentimento de busca por melhorias de sua condição sócio-econômica.

O filósofo Friedrich Nietzsche, citado no início desta explanação, também afirmava a necessidade de uma superação humana no sentido de romper com a religiosidade. Para ele, apenas aquele que consegue esta superação (o super-homem), pode viver em sua plenitude o vigor da vida. Nietzsche afirmava ainda que o homem cristão isolou o mal e enalteceu o bem. Ora, Nietzsche dizia que os conceitos de “bem” e “mal” são frutos de uma escolha e que neste sentido, não possuem valores absolutos. Neste sentido, ao afirmar apenas um aspecto da vida, o homem tornou-se fraco e unilateral.

Há de se reconhecer a grande relevância dessas críticas, muito embora elas não desconstruam o que há de essencial nesta análise: mesmo que o homem se perca nos rumos que sua religiosidade tome (e seria fruto de uma profunda ingenuidade dogmática desconsiderar a existência das questões levantadas por Feurbach e Marx no tocante à alienação), o que permanece inalterado é o que o próprio Feurbach reconhece como sendo uma “necessidade humana”, o homem precisa se projetar para o além de sua realidade, é um chamado do Ser, conforme Heidegger esclarece a partir do conceito de angústia. Quanto à crítica de Nietzsche em relação à moralidade unilateral equivocada do modo de ser religioso, isso pode ser emparelhado com o próprio princípio do Taoísmo de equilíbrio das forças opostas presentes na concepção de Yin e Yang.

No entanto, conforme já observamos a partir da concepção de Bergson, não podemos através do recorte de um período da história ler o fenômeno religioso apenas através do prisma e da lente destas concepções e desconsiderar o caráter divino e transcendental que orienta a caminhada religiosa da humanidade através dos tempos, pois isso restringiria por demais a importância da religiosidade humana.

O fenômeno religioso indiscutivelmente se relaciona com o homem em sua essência, assim como o fazer filosófico, pois a busca transcendental pelo fundamento originário se encontra intrinsecamente inserida em cada célula humana ainda que assim não desejemos. Assim como está descrito na alegoria da criação do mundo no livro do Gênesis, o homem sempre irá buscar o seu reencontro com o mundo divino do qual um dia fez parte. E isso está implícito na própria etimologia da palavra *religião* que deriva do latim *religare*, que sugere a idéia de re- ligação, ou seja, a idéia de uma retomada humana de seu sentido divino perdido por opção e que hoje se transforma numa

necessidade vital e incompreensível que a filosofia chama de angústia, que é um sentimento de carência de algo que não se explica porém se vive...

Nome: Alailson de Oliveira

Profº Orientador: Sérgio Junqueira

Referencias

Nietzsche F. **A Filosofia na época Trágica dos Gregos**. In: Coleção os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996.

Heidegger M. **Quést-ce Que La Philoshophie?** . In: Coleção os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996.

Leão, E. C. **Os Pensadores Originários**. Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 1999.

Feurbach L. **Princípios da Filosofia do Futuro**. Lisboa, edições 70,1988.

Aristóteles. **Ética a Nicômaco**. . In: Coleção os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996.

Kant. **A Crítica da Razão Prática**. Edições 70,1988.

Marx. K. **A Questão Judaica**. Ed Martin Claret. São Paulo, SP. 2001.

Descartes R. **Meditações Metafísicas**. In: Coleção os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996.

Scherer B. **As Grandes Religiões do Mundo**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2005.

Campbell J. **Isto és Tu**. Landy Editora. São Paulo SP, 2002.

Fogel G. **Da Solidão Perfeita**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 1999.

Besse G. e Caveing M. **Princípios Fundamentais da Filosofia**. Hemus Editora Ilimitada. São Paulo SP, 1974.

Aranha M. L. A. e Martins M. H. P. **Filosofando**. Editora Moderna Ltda. São Paulo SP, 1991.